

REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP

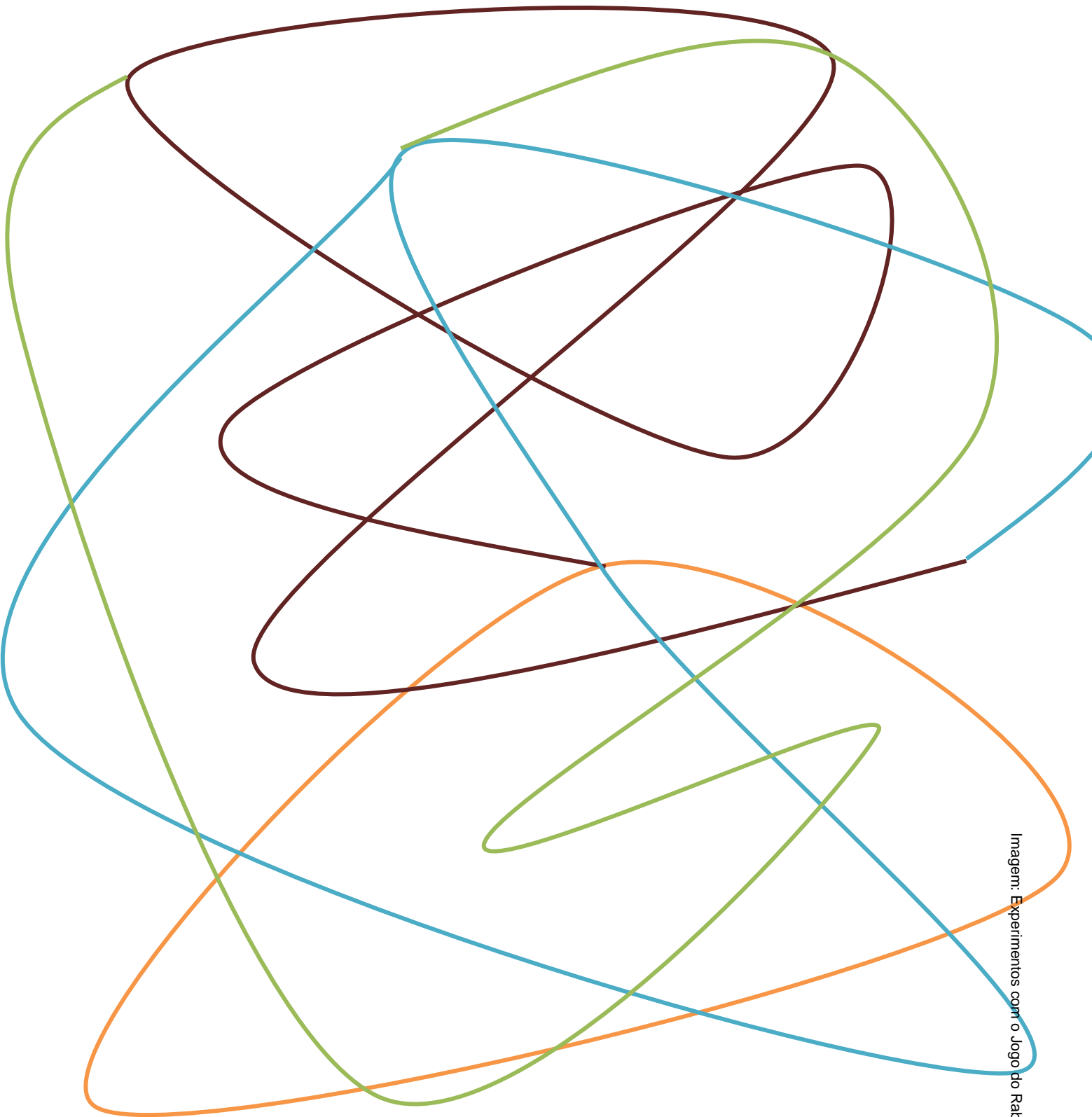


Imagem: Experimentos com o Jogo do Rabisco

REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A Revista Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no formato CD-ROM e também passível de acesso por meio do site da AATESP – www.aatesp.com.br/artigos.htm. Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas dos associados e demais autores interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

LINHA EDITORIAL

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

GRUPO EDITORIAL

Contato: textos.aatesp@gmail.com

Editora:

Dra. Máira Bonafé Sei – UEL/AATESP

Conselho Editorial:

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti – AATESP

Ms. Margaret Rose Bateman Pela – AATESP

Conselho Consultivo:

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares – ABCA – FEN-UFMG

Ms. Artemisa de Andrade e Santos – UFRN/ASPOART

Dra. Barbara Elisabeth Neubarth – Secretária da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul/AATERGS

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande – AATESP

Dra. Cristina Dias Alessandrini – Alquimy Art

Dra. Giuliana Gnatos Lima Bilbao - UNIP

Dra. Irene Gaeta Arcuri – UNIP

Ms. Lídia Lacava – ISAL / Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Lucivone Carpintero – ASBART

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli – CEFAS-Campinas

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren – Instituto Sedes Sapientiae

Esp. Mônica Guttmann – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Patrícia Pinna Bernardo – UNIP

Ms. Sandro Leite – FMU

Dra. Selma Ciornai – Instituto Sedes Sapientiae

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi – Arte sem Fronteiras/Faculdade Avantis

Dra. Tatiana Fecchio da Cunha Gonçalves – Escola Castanheiras

Capa, Diagramação, Editoração e Revisão de Texto

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Máira Bonafé Sei

Margaret Rose Bateman Pela

Ressalva

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.



REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP

Publicação: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretoria – Gestão 2013-2014

Diretora Gerente

Leila Nazareth

Diretora 1ª. Secretária

Ana Carmen Franco Nogueira

Diretora 2ª. Secretária

Irene Gaeta Arcuri

Diretora 1ª. Tesoureira

Tania Cristina Freire

Diretora 2ª Tesoureira

Sandra Maria Casellato Carnasciali

1ª. Diretora Adjunta

Cristina Dias Allessandrini

2ª. Diretor Adjunto

Sandro José da Silva Leite

Conselho Fiscal

Deolinda M.C. Florinda Fabietti
Cassia Regina de Toledo Rando
Cristina Dias Alessandrini
Leila Nazareth

SUMÁRIO

Editorial

ARTE, CRIATIVIDADE E SUAS INTERLOCUÇÕES COM A ARTETERAPIA	01
Maíra Bonafé Sei	

Artigos Originais

ARTETERAPIA COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: NOVAS PERSPECTIVAS, NOVAS REALIDADES	02
Claudia Regina Oga	

ARTETERAPIA E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: APONTAMENTOS GERAIS	23
Maíra Bonafé Sei	

Ensaio

O ENCONTRO COM A POESIA EM CENÁRIOS SOCIAIS: UM ENSAIO	35
Helton Marculino de Souza	

Resenha

ESCOLA DE POETAS: EM BUSCA DO CIDADÃO CRIATIVO	42
Ricardo da Silva Franco	

Resumos

ARTETERAPIA COM PRÉ-ADOLESCENTES: EM BUSCA DA SEMENTE CRIATIVA	49
Lilian de Almeida Pereira Bustamante Sá	

DESVELANDO O FEMININO ATRAVÉS DO MITO DAS DEUSAS GREGAS: UM CAMINHO PELA ARTETERAPIA	50
Elisângela Machado Santos	

A LINGUAGEM DAS IMAGENS NAS EXPRESSÕES CRIATIVAS: O PROCESSO DE AMORIZAÇÃO À CRIANÇA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA	52
Franklin Jones Vieira	

A ARTETERAPIA COM ADOLESCENTES NO FORTALECIMENTO DA RELAÇÃO FAMILIAR	54
Auricélia Alves de Freitas Vieira	

REVENDO A JORNADA DA HEROÍNA ATRAVÉS DA ARTETERAPIA	55
Simone Nimitzovitch Borger	

Normas para Publicação	56
-------------------------------	----

Editorial

ARTE, CRIATIVIDADE E SUAS INTERLOCUÇÕES COM A ARTETERAPIA

Maíra Bonafé Sei¹

Chega ao público mais um número da Revista de Arteterapia da AATESP, finalizando os exemplares referentes ao ano de 2014. Este número da revista conta com dois artigos, um ensaio, uma resenha e cinco resumos de monografias.

Pudemos publicar artigos específicos em Arteterapia, com o primeiro, intitulado de "Arteterapia com adolescentes em situação de vulnerabilidade social: novas perspectivas, novas realidades", que discorre sobre a experiência de grupo arteterapêutico com adolescentes e o segundo, nomeado como "Arteterapia e as fases do desenvolvimento humano: apontamentos gerais", que faz um apanhado geral sobre as características da Arteterapia em diferentes etapas do ciclo vital.

O ensaio e a resenha seguem por outra vertente, abordando a questão da poesia. O ensaio "O encontro com a poesia em cenários sociais: um ensaio" ilustra o uso da linguagem poética em contextos sociais e a resenha discorre sobre o livro "Escola de poetas: em busca do cidadão criativo" de Denise Bragotto.

Os resumos de monografia exemplificam o estudo da Arteterapia empreendido desde a graduação em Psicologia até a especialização em Arteterapia, mostrando a riqueza deste campo do conhecimento.

Aproveitem!

¹ Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@gmail.com

Artigo Original

ARTETERAPIA COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: NOVAS PERSPECTIVAS, NOVAS REALIDADES

ART THERAPY WITH TEENAGERS IN A STATE OF SOCIAL VULNERABILITY: NEW PERSPECTIVES, NEW REALITIES

Claudia Regina Oga²

Resumo: Este artigo é a análise resultante da aplicação da Arteterapia em adolescentes em situação de vulnerabilidade social, moradores de uma casa de passagem de uma instituição religiosa, situada numa cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram realizados 17 encontros semanais de duas horas de duração cada, com um grupo aberto de adolescentes, sendo a maioria com idades entre 14 e 18 anos. O objetivo principal das intervenções era o desenvolvimento da autoestima desses jovens que, muitas vezes, estão desmotivados por não se considerarem capazes de serem os agentes da transformação de seus próprios destinos. Devido à alta rotatividade dos moradores da casa de passagem, a pesquisa qualitativa de estudo de caso foi a metodologia escolhida para avaliar os resultados obtidos a partir do acompanhamento dos jovens que mais frequentaram os encontros de Arteterapia.

Palavra Chave: Arteterapia, Adolescentes, Autoestima, Vulnerabilidade social.

Abstract: This article is the analysis result of the art therapy application in adolescents at social vulnerability situation, residents of a halfway house for at-risk minors of a

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Paulista - UNIP, Graduada em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, Pós-Graduada em Arteterapia pela Faculdade Vicentina – FAVI; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5457653545931958>; clau.oga@gmail.com; Rua Com. Tórlogo Dauntre, 145 - Bairro Cambuí – Campinas, SP; Tel.: (19) 99752-2184.

religious institution, in a city located in the São Paulo state. There were realized 17 weekly meetings two-hour each, with a teenagers open group, mostly aged between 14 and 18 years. The interventions main goal was the self-esteem development of these young people that often are unmotivated by not considering themselves able to be the transformation agents of their own destinies. Due to the high residents turnover of the halfway house for at-risk minors, the qualitative case study research method was chosen to evaluate the results obtained by the accompaniment of young people who attended mostly of Art Therapy meetings.

Keywords: Art Therapy. Adolescents. Self-esteem. Social vulnerability. Visual arts.

Introdução

O presente artigo surgiu a partir do estágio realizado com adolescentes, moradores de uma casa de passagem, para o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia.

O ser humano, em seu processo de desenvolvimento, atravessa uma série de desafios que envolvem os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, desafios esses que colocarão à prova todas as habilidades do indivíduo em formação, além de instigar-lhe o desenvolvimento de novas potencialidades. Para tanto, um elemento fundamental neste processo é a autoestima, pois ao funcionar como um conjunto de lentes, pelas quais o mundo exterior e o interior são vistos, necessita estar em equilíbrio para que não haja distorções que prejudiquem o desenvolvimento saudável, levando à autodesvalorização e, consequentemente, ao conformismo frente aos empecilhos do dia a dia.

A adolescência, conhecida por ser uma fase de intensas transformações, é marcada por um sentimento de insegurança recorrente, e ela pode ser agravada pelo fato de que os novos desafios e responsabilidades inerentes à vida adulta começam a se manifestar. Tratando-se especificamente dos indivíduos analisados neste artigo,

acrescenta-se também a importante questão da vulnerabilidade social atuando como uma rede que, com sua trama de inúmeros nós, dificulta o livre desenvolvimento desses adolescentes rumo a um mar de possibilidades.

Na busca pelo desenvolvimento da autoestima desta população, a Arteterapia se apresenta como uma atividade terapêutica de grande valia, pois como nos informa Philippini (AATA, 2003, apud PHILIPPINI, 2008, p. 13), em relação ao conceito formulado pela AATA, a Associação Americana de Arteterapia:

[...] Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua auto-estima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

Com isso, constata-se que a Arteterapia contribui também para o desenvolvimento da autonomia, o despertar do potencial criativo, a superação de medos, além de auxiliar no processo de formação da identidade.

Sabe-se que, durante a adolescência, a transgressão faz parte do processo de crescimento dos adolescentes. Porém, a falta de oportunidades e de uma perspectiva de melhoria das condições de vida daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social acaba impulsionando a prática de comportamentos de risco, como por exemplo, o uso abusivo de substâncias psicoativas, como uma rota alternativa às dificuldades que se mostram intransponíveis aos olhos de quem não se vê com recursos capazes de suplantar a brutal realidade. Por isso, torna-se imperativo o estudo de práticas que, assim como a Arteterapia, auxiliam neste processo de autoconhecimento e desenvolvimento de potencialidades.

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo é a pesquisa qualitativa de estudo de caso para avaliar os efeitos da Arteterapia em três jovens moradores de uma casa de

passagem especializada, pertencente a uma instituição religiosa, situada numa cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram realizados 17 encontros semanais com duração de duas horas cada, nos quais se ofereceu diversas técnicas arteterapêuticas, tais como: modelagem em argila, pintura em telha, mandala de areia colorida e bordado em feltro.

Para o embasamento do estudo, foram abordados os seguintes temas: Artes Visuais e Arteterapia; Adolescência e Juventude; Vulnerabilidade Social e Autoestima. Um breve histórico de cada um dos moradores analisados faz-se necessário para tratar das particularidades deste público, seguidos dos relatos das sessões mais significativas, com o intuito de ilustrar os principais pontos que serão discutidos nas considerações finais.

O redimensionamento do olhar: visão frontal do problema

1.1 – Artes Visuais e Arteterapia

As artes visuais sempre exerceram um enorme fascínio sobre o ser humano, e dentre as suas inúmeras funções, pode-se destacar a sua capacidade de transmitir sensações, sentimentos e pensamentos que, por se darem de maneira não-verbal, são atemporais e universais, o que as tornam um excelente instrumento de comunicação daquilo que se passava no íntimo do criador, no momento da criação artística. Na verdade, a relação que existe entre a representação do espaço nas artes visuais e a linguagem verbal demonstra o quão esclarecedor é o estudo das imagens, como explica Ostrower (2004, p. 13):

Ao dizermos, por exemplo, que algo nos toca de modo *profundo* ou apenas *superficial*, usamos intuitivamente imagens de espaço. Quando falamos das qualidades de um *indivíduo* (um ser in-divisível), como sendo *aberto* ao mundo ou *fechado*, *expansivo* ou *introvertido*, *desligado*, *envolvente*, *atraente*, *repulsivo*, *distante*, *próximo*, usamos sempre imagens de espaço. Não há outra maneira possível de conscientizar, formular e comunicar nossa experiência.

Segundo Philippini (2008), a Arteterapia é um campo de estudo que se utiliza basicamente de materiais e técnicas expressivas simples e acessíveis para proporcionar ao cliente um processo terapêutico, o qual resultará numa produção simbólica provida de uma materialidade que permite atribuir significado a informações advindas de níveis profundos da psique, apreendidas pouco a pouco pela consciência.

Em Arteterapia, diferentemente do que ocorre nas artes em geral, não se aprecia o resultado final quanto à fruição estética, já que o mais importante encontra-se no fazer terapêutico, pois: “[...] o valor da produção é tanto maior quanto mais ela representa o verdadeiro *self* do paciente, ou seja, se ela carrega efetivamente um sentido para o viver da pessoa em questão” (SEI, 2011, p. 40).

1.2 – Adolescência e Juventude

A adolescência, fase de transição entre a infância e a idade adulta, se caracteriza pela ocorrência de uma crise de identidade, em que o grupo passa a ser a principal fonte de referência na busca por novas formas de pensar, agir e sentir. De acordo com Duclos et al. (2008, p.6):

A criança se vê principalmente através do olhar que as outras pessoas têm sobre ela, pessoas consideradas importantes em sua vida: seus pais, seus avós, seus educadores, seus amigos etc. Para conhecer-se a si mesma, ela se serve das palavras que essas pessoas lhe dirigem e das atitudes que tomam em relação a ela. Posteriormente, a criança cresce e os amigos, pouco a pouco, adquirem maior importância, tornando-se, na adolescência, o espelho através do qual ela se vê.

Existem divergências quanto à faixa etária correspondente a esse período: de acordo com Silva e Lopes (2009), para a Organização Mundial da Saúde (OMS), ela ocorre entre 10 e 19 anos, enquanto que no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define a adolescência entre os 12 e 18 anos incompletos.

Em relação ao termo juventude, Silva e Lopes (2009) explicam que, segundo a OMS, trata-se de uma classificação sociológica sobre o processo de preparação dos indivíduos para o papel de adulto na sociedade, no aspecto profissional e no familiar, e corresponde ao período de 15 a 24 anos. No Brasil, o ECA não apresenta uma definição para este termo, portanto, os conceitos de adolescência e juventude utilizados neste artigo se referem àqueles estabelecidos pela OMS.

Segundo Serrão e Baleeiro (1999), as principais características em relação ao comportamento dos adolescentes são, em sua maioria, uma resposta ao contexto social em que eles se encontram e, no caso de jovens pertencentes às classes sociais menos favorecidas, destacam-se: a autoestima fragilizada, a autoimagem contaminada por preconceitos, o medo de expressar-se, a falta de perspectiva, o ataque como forma de defesa, os papéis de gênero masculino e feminino com limites mais rígidos e a percepção da cidadania como um conceito abstrato. A partir destas constatações, é possível verificar como as influências vindas do meio social podem afetar o desenvolvimento dos indivíduos.

1.3 – Vulnerabilidade Social

A vulnerabilidade social, conforme teoriza Katzman (1999), citado pela Fundação Sistema Estadual da Análise de Dados (SEADE), refere-se à capacidade que um indivíduo, família ou grupo social tem de controlar as forças que afetam seu bem-estar, ou seja, a capacidade de possuir recursos para acessar as oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado e sociedade.

[...] Desse modo, a vulnerabilidade à pobreza não se limita a considerar a privação de renda, mas também a composição familiar, as condições de saúde e o acesso aos serviços médicos, o acesso e a qualidade do sistema educacional, a possibilidade de obter trabalho com qualidade e remuneração adequadas, a existência de garantias legais e políticas, etc. (SEADE, 2010, p. 8).

Segundo o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) de 2010, publicado pela SEADE, 12,9% da população do Estado de São Paulo, cerca de 6,3 milhões de pessoas vivem em situação de vulnerabilidade alta (8,8%) ou vulnerabilidade muito alta, nos chamados aglomerados subnormais urbanos, popularmente conhecidos como favelas (4,1%). Isto confirma o fato de que uma grande parcela da população do Estado enfrenta sérias dificuldades para ter acesso aos serviços básicos, o que compromete profundamente o bem-estar e a possibilidade de obter melhores condições de vida.

Em relação ao uso de substâncias psicoativas, Baptista (2006) citado por Santos e Valladares (2011, p.1) explica que o uso “[...] entre jovens se deve em parte à busca por uma identidade que rompa os laços com a infância e que lhes proporcionem a construção de um novo indivíduo fora do âmbito da família”. Sabe-se que os jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social frequentemente possuem um histórico familiar complexo, no qual não lhes foram oferecidos os cuidados necessários desde a tenra infância. Segundo Graci (2013, s/p.): “Este sentimento de valor ou não que o indivíduo traz de sua infância, interfere em seu destino e nas escolhas que fará. Até que mais tarde, esta pessoa possa rever as circunstâncias originais de sua vida e elaborá-las”.

1.4 – Autoestima

O termo autoestima está fortemente ligado à questão do autoconceito, como afirma Salvador, citado por Morais (SALVADOR, 2000 apud MORAIS, 2013, s/p.):

[...] Enquanto o autoconceito faz referência ao conhecimento que a pessoa tem de si mesma – sei que sou bom desenhando -, a auto-estima implica uma avaliação afetiva do próprio eu, isto é, como a pessoa se sente em relação aos diferentes atributos ou dimensões que compoem o seu autoconceito – agrada-me o meu aspecto; sinto-me feliz tal qual sou.

A psicologia junguiana teoriza que a autoestima está relacionada às experiências vividas desde a denominada fase urobórica, que consiste na primeira fase de desenvolvimento da psique da criança. Graci nos informa que: “Experiências negativas nesta primeira fase comprometem a confiança da criança em si mesma e no mundo, esta relação primária negativa pode gerar problemas afetivos, insegurança e problemas de auto-estima entre outros”. (GRACI, 2013, s/p.)

Laporte (2008) afirma que a autoestima é construída através das experiências da vida e varia conforme os resultados obtidos a partir destas novas descobertas, sendo que, assim como os êxitos, os fracassos também são muito importantes no seu desenvolvimento:

A autoestima é uma realidade mutante. Nos momentos de alegria, ela é uma flor a se abrir; nos momentos de tensão ou de tristeza, ela corre o risco de murchar. Mas o mais importante é que ela pode sempre florescer em nosso jardim interior, ainda que os pais pensem pouco em conservá-la viva e cultivá-la continuamente. (LAPORTE, 2008, p. 8-9).

Além disso, segundo Duclos et al. (2008), sendo a autoestima um valor atribuído a si nos mais diversos aspectos da vida, desde o plano físico (aparência, habilidades, resistência), passando pelo plano intelectual (brilhantismo, memória, raciocínio), até o plano social (capacidade de fazer amigos, carisma, simpatia), uma pessoa com uma boa autoestima geral é aquela que possui uma boa imagem de si na maior parte desses aspectos.

Portanto, a autoestima é uma variável subjetiva que deve ser desenvolvida nos jovens que se encontram em casas de passagem, para que eles possam dar-se o devido valor, e com isso, modificar suas atitudes, suas escolhas e seus relacionamentos.

2.1 – Local

Os encontros de Arteterapia ocorreram numa casa de passagem especializada, que atende menores em situação de rua e/ou exploração sexual, usuários ou não de substâncias psicoativas, com idades entre sete e 18 anos incompletos, com a presença de algumas exceções, em que é permitida a permanência de adolescentes com mais de 18 anos que não possuem condições para residirem em outro local. A maioria dos moradores é adolescente, sendo 80% do sexo masculino.

2.2 – Sujeitos

Em função da grande circularidade dos atendimentos em uma casa de passagem, o estágio foi realizado com um grupo aberto, e a maioria dos indivíduos possuía entre 14 e 18 anos. Ao todo, foram atendidos 17 jovens, com a média de três participantes por encontro. Para avaliar os resultados desta intervenção arteterapêutica, foram selecionados os três adolescentes que mais participaram dos encontros:

- **F**: sexo masculino, 18 anos, frequenta abrigos desde 2006, tem várias passagens pela Fundação Casa, e atualmente encontra-se residindo na casa da sogra, junto com a namorada, que também foi moradora da casa de passagem. Faz cursos e trabalha de quinta a domingo. É destituído da família. Participou de cinco sessões.

- **J**: sexo masculino, 17 anos, é oriundo de outro Estado, e saiu de casa por se sentir explorado financeiramente. Conseguiu emprego, mas foi demitido pelo excesso de faltas em decorrência do uso de substâncias psicoativas. Por decisão da casa de passagem, voltou a morar com sua mãe, já que não conseguiu manter-se no emprego e dar prosseguimento à sua autonomia. Participou de seis sessões.

- **R**: sexo masculino, 18 anos, teve seu primeiro acolhimento na casa em 2011. Ele é um caso especial: continua morando na casa de passagem, apesar de já possuir 18 anos,

mas planeja sair em breve para morar com uma amiga. O jovem utiliza os serviços do CAPS e sua mãe apresenta transtornos mentais. Participou de cinco sessões.

2.3 – Os encontros

Apresentam-se a seguir, algumas das sessões mais representativas do estágio com os participantes já citados anteriormente:

2.3.1 – Confecção de Olho de Deus – O pedido de proteção (6ª sessão)

O objetivo principal era trabalhar a organização, através de um objeto simbólico que remetesse à proteção e ao acolhimento. Além disso, o uso de fios em atividades arteterapêuticas auxilia no resgate do “fio da vida” e na ressignificação de vivências traumáticas, pois segundo Bernardo (2012), está associado às histórias e às tramas que compõem a nossa existência. Utilizou-se para esta atividade: lãs, palitos de madeira e tesoura. Os jovens não conheciam a técnica, porém não encontraram grandes dificuldades em confeccionar o objeto.

- **F** fez o primeiro Olho de Deus a pedido da namorada, que estava presente neste dia e não quis participar da atividade. O segundo foi feito com base nas cores de seu time de futebol. O adolescente demonstrou grande contentamento, e comentou: “Olha parece uma pipa. Olha a rabiola!”, agitando as franjas no ar.

Participante **F**

2.3.2 – Representação de uma horta – Minha horta (12ª sessão)

Esta atividade buscou proporcionar uma base mais sólida aos participantes, que possuem falhas estruturais provenientes das conflituosas relações estabelecidas com suas famílias de origem, e ao mesmo tempo, remeter à paciência e aos cuidados necessários na gestação de novos projetos, com questionamentos sobre o que se deseja plantar e o que irá ser colhido no futuro, e abordando a questão da perseverança no trabalho constante para que haja uma boa colheita. Argila, sementes diversas e bandejas de isopor foram os materiais desta sessão.

Segundo Chiesa (2004), o trabalho com a matéria viva do barro desperta um contato maior com a natureza da qual o próprio homem faz parte, e que o mesmo acabou afastando-se das coisas mais simples e primordiais. “Resgatar o contato com a natureza é um re-encontro e um re-conhecimento de si.” (CHIESA, 2004, p. 53).

- O adolescente **F** fez o primeiro trabalho rapidamente e pediu outra bandeja para fazer o segundo: “Depois que acabei, senti que faltou cor na primeira horta”. E neste segundo trabalho, ele tentou representar as plantações já crescendo, ao colocar alguns ramos com folhas, arrancados de um jardim da casa de passagem. Mas ao ver que sua tentativa de fazer surgir logo o resultado do plantio havia sido frustrada, pois os ramos

não se fixaram bem à argila, retirou os ramos e não conseguiu colocar mais nada no lugar, deixando-o vazio.



Participante F

- J passou bastante tempo só moldando a argila na base de isopor, como se estivesse realmente preparando a terra para o plantio. Fez somente um trabalho que, além de não possuir divisórias, dava a impressão de haver muitas sementes para pouca “terra”. Num dado momento, disse que iria plantar no algodão: “Você já viu feijão no algodão? Fica alto pra caramba!”, e com isso é possível fazer um paralelo do que acontece com este adolescente e o protagonista do conto “João e o Pé de Feijão”, que passa por um processo de emancipação.



Participante J

2.3.3 – Construção de objeto tridimensional com arame – Objeto representacional

(13ª sessão)

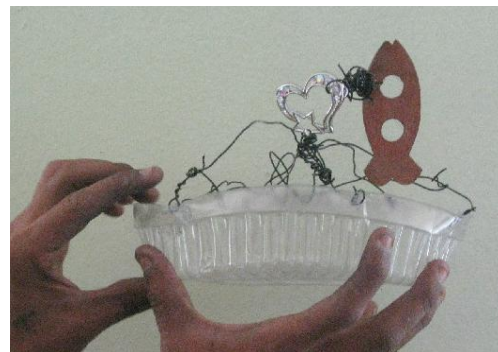
A construção vertical apresenta como proposta o fortalecimento da estrutura dos participantes, numa continuação do processo iniciado na sessão anterior. Bernardo (2012) informa que, ao se trabalhar com expressões tridimensionais, questões relativas à percepção da realidade, àquilo que fornece base e suporte para o crescimento e ao posicionamento existencial de um indivíduo são simbolicamente representadas e trabalhadas arteterapeuticamente. Nesta atividade sugeriu-se a construção de um objeto em que o participante representasse a si mesmo, e foram utilizados arames cozidos, sucata, pedras de bijuterias, fita crepe e alicates. A utilização da sucata é bastante significativa, já que propicia a transformação de algo que, aparentemente, não teria mais utilidade, como explica Oliveira e Sei (2010), citados por Sei (2011, p. 61): “Esta analogia da transformação pode ser transposta para a vida da pessoa, apontando para as mudanças que podem ser feitas e para o potencial pessoal existente que pode ser aproveitado”.

- O jovem **J** construiu uma flor de arame, sendo que uma das pétalas era móvel e, às vezes, ficava um pouco caída, momento este em que ela se encontrava dormindo, como ele mesmo relatou. A base da estrutura de arame foi a parte mais difícil de ser resolvida, pois a flor não tinha estabilidade e caía facilmente, até que ele conseguiu montar uma base um pouco mais estável com pedras de bijuteria.



Participante J

- R teve uma dificuldade inicial em definir seu objeto. Escolheu uma base larga de plástico transparente e prendeu objetos com o arame, formando vários nós. Não quis nomear seu trabalho, mas gostou de visualizar um peixe que parecia saltar de um aquário, próximo ao coração e à estrela.



Participante R

2.3.4 – Bordado em Feltro – O retorno de uma longa viagem (15ª sessão)

Esta sessão buscou fazer um resgate das coisas boas que foram conquistadas ao longo da trajetória arteterapêutica. Através do exercício de visualização, pediu-se para visualizar o retorno de uma longa viagem, a qual poderia ter sido uma viagem real ou imaginária. Em seguida, foi feito o bordado de um objeto, paisagem, pessoa ou

sentimento que tenha sido significativo nessa viagem. A partir disso, os participantes puderam entrar em contato com os recursos interiores desenvolvidos durante os encontros de Arteterapia e apropriar-se dos mesmos. O propósito deste encontro era também o de abordar a finalização do processo arteterapêutico que iria se encerrar em breve.

Pfyffer (s/d) afirma: “[...] Fazer o nó e passar o fio ponto por ponto firma internamente o propósito. O bordado tem também a vantagem de poder ser feito e desfeito, auxiliando nos processos de permissão de desconstrução e correção de rota”. Os materiais deste encontro foram: feltro, lãs e linhas, agulha, tesoura e giz pastel oleoso para marcar o feltro.

- Neste trabalho, **R** resolveu bordar o nome de uma pessoa, que “é como uma mãe” para ele, a qual receberia o bordado de presente. O trabalho foi feito com muita concentração e entusiasmo, e é possível constatar que o bordado segue fielmente o traçado feito com o giz no feltro. Na hora de fotografar, **R** fez questão de mostrar o avesso de seu trabalho.



Participante **R**

2.3.5 – Produção de amuleto – Acolher as boas experiências: bem-estar e proteção

(16ª sessão)

Numa das últimas sessões oferecidas no estágio, o objetivo era oferecer uma atividade de finalização, com a recapitulação dos encontros anteriores e daquilo que foi conquistado através do autoconhecimento. A produção do amuleto foi inspirada nos escapulários religiosos, como também, no "cordão de orações" dos indígenas mexicanos, citado por Bernardo (2010), e confeccionada com envelopes de feltro recheados com os diversos materiais já utilizados em outras sessões, a saber: giz de cera, velas coloridas, sementes, casca de coco e lascas de madeira, além da utilização de agulhas, lãs e linhas e tesoura. Esta sessão aborda novamente a apropriação por parte dos participantes dos recursos interiores adquiridos durante o processo arteterapêutico, trabalho já iniciado na sessão anterior. Apesar da origem religiosa desta atividade, e embora existam poucos estudos sobre as suas implicações em relação ao campo psíquico, a proposta inserida neste contexto arteterapêutico traz um questionamento referente à capacidade de autoproteção de cada indivíduo, a partir do uso dos recursos internos.

- **J** estava particularmente melancólico neste dia, pois iria voltar a morar com sua mãe no dia seguinte, contra a sua vontade e por decisão da casa de passagem. Confeccionou grandes envelopes, bem recheados com sementes e lascas de madeira. Foi o último a terminar seu amuleto, e apesar da sua tristeza, foi possível ver que o jovem conseguiu finalizar a sessão de maneira positiva.



Participante J

- R: Este adolescente apresentou-se bem concentrado durante toda a atividade, fez pequenos envelopes e recheou-os somente com vela colorida. Tentou costurar os envelopes reproduzindo o modelo que lhe fora apresentado, pois o achou bonito, mas depois constatou que o modelo não funcionou no seu amuleto, já que o recheio vazava pelos pontos, e então passou a desenvolver o seu próprio trabalho.



Participante R

Considerações finais

No decorrer de todo o processo arteterapêutico, foram constatadas mudanças significativas de comportamento nos adolescentes atendidos. Inicialmente, havia a busca em atender às demandas externas, como: corresponder a padrões de beleza, querer agradar o outro e seguir um modelo idealizado. Além disso, sentimentos de insegurança e

inadequação se faziam presentes em frases, como: “Não sei fazer.”, “Ficou feio. Ficou estranho.”. Havia também, uma grande preocupação com a perda da individualidade, quando diziam: “Você está me imitando”, o que demonstra o empenho na criação de algo que fosse único, impossível de ser reproduzido.

Com o passar do tempo, essas reações foram se apaziguando e, aos poucos, cada jovem passou a desenvolver um estilo pessoal, seguindo suas necessidades internas de expressividade e criatividade. Dessa forma, tornou-se frequente vê-los satisfeitos ao final dos encontros, por terem conseguido criar imagens e achar soluções que deram forma aos conteúdos internos.

Se nas primeiras sessões, o jovem **F** apresentava-se muito dependente de sua namorada, preocupando-se mesmo quando ela não estava participando das atividades, progressivamente, ele passou a se desvincular da influência dela e a se concentrar cada vez mais no seu trabalho, ignorando até as críticas que ela fazia em relação à sua produção.

J era um dos adolescentes que mais tinha problemas com a autoestima: constantemente desvalorizava seus trabalhos e dizia-se incapaz. Com o decorrer das sessões, notou-se que seu trabalho evoluiu, tornando-se muito expressivo: ele se permitiu interagir com suas criações, atribuindo a elas um caráter lúdico, com o qual pode dar vazão a questões profundas, resignificando-as de uma maneira leve e criativa.

Por sua vez, o adolescente **R** conseguiu superar o sentimento de frustração por não conseguir reproduzir fielmente o modelo idealizado, ao constatar que o trabalho do outro, seja ele um artista, ou um colega da casa, não corresponde às suas necessidades pessoais. Outro comportamento desse jovem que foi amenizado era o de mostrar várias vezes o seu trabalho às arteterapeutas com o intuito de obter palavras de incentivo, e receber apoio para seguir em frente, apesar das dificuldades.

Um dos elementos essenciais para que os resultados positivos fossem alcançados foi a confiança conquistada por meio do fortalecimento dos vínculos entre arteterapeutas e clientes, pois somente a partir da confiança no suporte arteterapêutico é que foi possível aos participantes confiarem em si mesmos durante um percurso, em que não existem modelos prontos e caminhos pré-determinados a seguir e, muito menos, a certeza de onde irá se chegar.

Dentre as principais dificuldades encontradas ao longo do processo arteterapêutico, pode-se citar: brigas e evasões ocorridas fora do âmbito do estágio influenciavam profundamente o estado emocional dos participantes, uma vez que os encontros se davam no mesmo ambiente em que tais eventos ocorriam; os adolescentes apresentavam certa resistência às atividades, inicialmente tidas como “infantis” ou “escolares”; a população flutuante característica da casa de passagem não permitiu um trabalho contínuo e aprofundado.

Apesar disso, a Arteterapia estimulou os jovens a estabelecerem novas formas de enxergar as próprias características, as próprias produções e os próprios modos de atuação, favorecendo a percepção de que existem potenciais que não podem ser classificados segundo critérios de beleza, perfeição e, muito menos, sob o ponto de vista de melhor ou pior, que são impostos pela sociedade.

E mais especificamente em relação aos adolescentes em situação de vulnerabilidade social, a Arteterapia possibilitou mudar o foco das condições desfavoráveis ao desenvolvimento, retirando a tendência ao conformismo de estarem fadados a seguir pelos mesmos caminhos percorridos por outros jovens em situação semelhante. Com isso, ajustou-se o olhar para os recursos internos que precisam ser desenvolvidos, ou então, que já existem, mas que estão encobertos pela autodesvalorização e, apropriando-se dos mesmos neste processo de desenvolvimento



da autoestima, pode-se dar seguimento à busca de outros recursos necessários para que a trajetória particular de cada indivíduo seja plena de significado e de realizações.

Data de recebimento: 08 de janeiro de 2015.
Data da primeira revisão: 02 de fevereiro de 2015.
Data de aceite: 10 de fevereiro de 2015.

Referências

BERNARDO, P. P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**, volume V: a alquimia nos contos e mitos e a arteterapia: criatividade, transformação e individualização. São Paulo: Ed. do Autor, 2010.

BERNARDO, P. P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**, volume IV: arteterapia e mitologia criativa: orquestrando limiares. 2ª ed. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2012.

CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DUCLOS, G.; LAPORTE, D.; ROSS, J. **A auto-estima dos adolescentes**. São Paulo: Paulus, 2008.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS versão 2010. Metodologia**. Disponível em: <http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/metodologia.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2013.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS versão 2010. Principais resultados**. Disponível em: http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf. Acesso em: 3 mai. 2013.

GRACI, F. L. B. **A Eterna Criança – Auto-estima e Individualização**. Disponível em: <http://www.ipacamp.org.br/site/artigos/73-a-eterna-crianca-auto-estima-e-individuacao>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LAPORTE, D. **O despertar da auto-estima: de 0 a 6 anos**. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAIS, M. L. C. de. **Auto-estima – chave do sucesso e da auto-realização**. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/53.htm>. Acesso em: 17 jul. 2013.

OSTROWER, F. **Universos da arte: edição comemorativa Fayga Ostrower**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PFYFFER, M. T. **Técnicas Expressivas Plásticas**. Disponível em: <http://www.portalcapixabao.com/sites/?c=6692&p=11273&exibe=11260>. Acesso em: 21 mai. 2013.



PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SEI, M. B. **Arteterapia e Psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

SERRÃO, M.; BALEEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver.** 2^a ed. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87-106, Jul.-Dez. 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>. Acesso em: 12 jul. 2013.



Artigo Original

ARTETERAPIA E AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: APONTAMENTOS GERAIS

ART THERAPY AND THE PHASES OF HUMAN DEVELOPMENT: GENERAL NOTES

Maíra Bonafé Sei³

Resumo

A Arteterapia se configura como uma forma de intervenção terapêutica que pode ser amplamente empregada, abrangendo vários campos do conhecimento, como Saúde, Educação, Organizações, com possibilidades de aplicação junto a indivíduos de variadas faixas etárias. Contudo, poucas são as publicações destinadas a abordar as especificidades da Arteterapia em cada etapa do desenvolvimento. Diante deste panorama, objetivou-se discorrer sobre a Arteterapia com gestantes, crianças, adolescentes adultos e idosos, delineando apontamentos gerais sobre as características deste tipo de intervenção com os diferentes públicos. Espera-se, com esta apresentação, melhor instrumentalizar o arteterapeuta que se dispõe a trabalhar com estes indivíduos.

Palavras-chave: Arteterapia, Desenvolvimento humano, Características.

Abstract

Art Therapy configures itself as a way of therapeutic intervention that can be widely employed, covering various fields of knowledge such as Health, Education, Organizations, with possibilities of application with the individuals of different age. However, there are few publications designed to address the particularities of Art Therapy at each stage of

³Psicóloga, Arteterapeuta (AATESP 062/0506), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Adjunta junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise – CCB - UEL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5815968830020591>. E-mail: mairabonafe@gmail.com

development. Given this scenario, the aim was to discuss the art therapy with pregnant women, children, adolescents, adults and the elderly, outlining general notes about the characteristics of this type of intervention with different audiences. It is expected, with this presentation, better prepare the art therapist who is willing to work with these individuals.

Keywords: Art therapy, Human development, Characteristics.

Arteterapia e suas características

A Arteterapia organiza-se como um campo do conhecimento que se propõe a realizar intervenções de cunho terapêutico com o intuito de promover saúde e qualidade de vida (SEI, 2009). De acordo com Carvalho (2006), a Arteterapia configura-se como um triângulo em cujos vértices estão localizados: 1. o cliente/paciente; 2. o arteterapeuta; 3. o processo expressivo ou a produção. Tal representação é também assumida pela Terapia Ocupacional com a substituição da figura do arteterapeuta pela imagem do terapeuta ocupacional e mudança do processo expressivo/produção para a atividade de forma mais ampla (GIANECHINI e SEI, 2012).

Tem uma ampla gama de indicações que abrange desde o público infantil (AIELLO-VAISBERG, 1999) chegando até à terceira idade (FABIETTI, 2004). Seu intuito pode ser tanto de tratar pessoas que já apresentam um quadro de adoecimento (VALLADARES, 2003; VASCONCELLOS. e GIGLIO, 2006), quanto pode ter o propósito de despertar a criatividade e desenvolver potenciais latentes de cada indivíduo.

Lembra-se assim do trabalho das pioneiras da Arteterapia: Margaret Naumburg e Florence Cane. A primeira é criadora da Artepsicoterapia, com enfoque na psicoterapia efetuada com a contribuição dos recursos artístico-expressivos, que favorecem a comunicação no contexto terapêutico (NAUMBURG, 1991). Sua irmã Florence Cane é responsável pela Arte como Terapia, que se detém mais no desenvolvimento da

criatividade (CANE, 1983), entendendo que a Arteterapia pode ser uma ferramenta auxiliar de outros processos terapêuticos (ANDRADE, 2000).

Para a realização do processo arteterapêutico, podem ser empregados diferentes técnicas e materiais artístico-expressivos (SEI, 2011). É possível escolher materiais pré-determinados (CHIESA, 2004) e técnicas específicas considerando as propriedades destes (PHILIPPINI, 2009), ou também, ofertar diferentes materiais no *setting* arteterapêutico deixando que esta escolha seja efetuada pelo participante do processo arteterapêutico.

Diante desta breve caracterização acerca da Arteterapia, passa-se a discorrer sobre a prática arteterapêutica nas diferentes etapas do ciclo vital. Tal apresentação justifica-se por se compreender que nem todos os materiais e técnicas são indicados para determinadas faixas etárias. Têm-se, ademais, especificidades na infância, adolescência, idade adulta e velhice que devem ser contempladas pelo arteterapeuta para um bom desenvolvimento do processo arteterapêutico. Observa-se, igualmente, a importância de um texto norteador quanto a este conteúdo, haja vista a escassez que publicações que sintetizem considerações sobre a Arteterapia nos variados períodos do crescimento. Há livros, artigos e outros tipos de publicações que se detêm em uma ou outra faixa, sem uma síntese mais ampla como o que aqui se propõe.

Arteterapia e o desenvolvimento humano

Diferentes são as teorias acerca do desenvolvimento humano, havendo autores que abordam este processo por meio de perspectivas que focam aspectos de ordem cognitiva, emocional, física e social. Entende-se, assim, que os indivíduos trilham um caminho que perpassa momentos de dependência absoluta, chegando a um estado de

quase independência, que nunca é completa tendo em vista o fato de ser humano e meio ambiente estarem sempre em relação (WINNICOTT, 1963/1983).

É essencial que a mãe esteja sintonizada com as necessidades do bebê, ser que ainda não consegue se comunicar com o ambiente para transmitir-lhe aquilo que sente e precisa. Depende desta sintonia da mãe ou sua substituta para que haja uma identificação e um atendimento àquilo que deseja. Esta condição, denominada por Winnicott (1956/2000) como "preocupação materna primária", começa a se delinear já na gestação e, assim, entende-se que a Arteterapia pode contribuir para a entrada da mulher neste estado, promovendo a saúde mental da mãe e de seu filho.

Um exemplo é o trabalho desenvolvido por Aiello-Vaisberg, Silva, Granato e Felice (2001) por meio do tricô como materialidade mediadora do processo arteterapêutico com gestantes. Indicam que as roupinhas do bebê tricotadas pela mãe configuram-se como sucedâneos externos do próprio útero, contribuindo para uma lida mais satisfatória com as angústias advindas da gestação. No que concerne à formação de grupos com gestantes, Viçosa (1997) defende que o coordenador entreviste as participantes de maneira a conhecer a história pregressa da mulher, obter informações sobre a gravidez, se esta foi planejada, se trata-se do primeiro filho, se houve abortos, se a mulher conta com apoio familiar, dentre outras. Pode-se, com isso, dimensionar se a modalidade grupal é a mais indicada para a pessoa ou se esta deve ser encaminhada para um acompanhamento individual.

Já no cenário da Arteterapia com crianças, Coutinho (2005) aponta que o contrato arteterapêutico deve ser realizado tanto com os pais e/ou responsáveis legais pela criança quanto com a própria criança. Tem-se um indivíduo ainda em formação, em um estado de dependência física, emocional, financeira que demanda um envolvimento do grupo familiar no processo de atendimento. Tendo em vista estes aspectos, entende-se

que o arteterapeuta deve realizar uma entrevista inicial com os pais, para coletar as informações sobre história e queixa, lançando luz para as motivações para a terapia. É possível também refletir sobre a necessidade de encaminhamento da criança e de sua família para outros tipos de atendimento, complementares à Arteterapia.

Quanto à Arteterapia empreendida junto ao público infantil, esta demanda um conhecimento acerca do desenvolvimento, incluindo uma compreensão sobre o desenvolvimento do grafismo. Vários autores discorrem sobre esta temática (GREIG, 2004; LOWENFELD e BRITAIN, 1970; LUQUET, 1969; MOREIRA, 2002), sendo que Mèredieu (2006) faz uma interessante retomada acerca do desenho da criança. Apesar da existência de obras mais recentes sobre o desenho infantil, Lowenfeld e Brittain e Luquet ainda são mencionados por variados arteterapeutas como referências sobre o desenvolvimento do grafismo (SEI, 2011; VALLADARES, 2008).

Sobre as características da arte infantil, Cane (1983) afirma que quando a criança é pequena e impulsiva, sua arte demonstra um caráter inconsciente, adquirindo maior consciência e integração por meio da maturação e desenvolvimento do indivíduo. É interessante ponderar os tipos de materiais ofertados, adequando-os às necessidades de cada etapa. Com isso, se no início tem-se uma expressão mais instintiva, posteriormente a pessoa adquire um caráter mais crítico em relação à própria produção. Acredita-se, portanto, que os materiais oferecidos devem acompanhar estas características, seja de expansão, com materiais mais macios e fluídos, seja de introspecção e esforço, com materiais mais duros e que permitem traços mais precisos. Pensa-se, em concordância com Coutinho (2005), que os primeiros encontros podem ser dedicados justamente à experimentação de materiais variados, que permite a observação de quais atividades são facilitadoras para a criança em questão.

Quanto ao *setting* arteterapêutico, entende-se que a organização do espaço físico deve ajustar-se às propostas, contando com um mobiliário de fácil limpeza (COUTINHO, 2005). E, no que se refere às atividades trazidas pelo arteterapeuta, Liebmann (2000), defende que a escolha deve priorizar atividades que sirvam como um ponto de partida para a imaginação e fantasias habituais a este momento do desenvolvimento. Trata-se de uma faixa etária delicada, visto a fragilidade e a maturação em andamento, que solicitam um conhecimento e cuidado adequado por parte do terapeuta.

A fase seguinte, a adolescência, configura-se como uma etapa marcada por intensas mudanças. O adolescente deve elaborar os lutos pelo corpo infantil, pelo papel e identidade de criança, além do luto pelos pais da infância (ABERASTURY e KNOBEL, 1981). Diante do crescimento dos filhos, o envelhecimento dos pais fica evidente, algo que desperta angústia em ambas as partes, demandando frequentemente um espaço de acolhimento para estes sentimentos.

No que concerne à arte do adolescente, tem-se um momento de maior autocrítica, com escolha por temas relacionados ao contexto social (LOWENFELD e BRITAIN, 1970). Mostram, por um lado, maior consciência de si mesmos e, por outro, uma falta de autoconfiança e, com isso, a Arteterapia pode se apresentar como uma oportunidade para o teste de ideias e opiniões, sem a sensação de julgamento (LIEBMANN, 2000). Neste cenário têm-se os recursos artístico-expressivos, materialidade mediadora que faz intermediação entre o adolescente e o arteterapeuta, contribuindo para a diminuição de resistências.

Em relação às técnicas indicadas para o público adolescente, Valladares (2002) argumenta que a pintura arteterapêutica pode ser uma escolha adequada por facilitar a expressão da subjetividade dos adolescentes, colaborar para a autoexpressão e elaboração de conteúdos internos, suavizando, assim, tensões. Na visão desta autora, a

tinta exibe-se como um material aprazível de ser manuseado. Tem, ademais, a qualidade de facilitar a expressão da criatividade do *self* e de sentimentos, alcançando-se uma consciência e estruturação destes (VALLADARES, 2002).

Outra modalidade expressiva em Arteterapia é a construção em madeira, sucata e materiais similares, atividade que promove o autoconhecimento. Tem-se uma ampla gama de possibilidades que solicitam um olhar criativo, para imaginar novos usos para a sucata ou para arquitetar produções com a madeira e demais recursos. Ao se notar que os adolescentes distinguem-se pela ansiedade, contradição, idealização e questionamento, defende-se o favorecimento de modalidades expressivas que lhes permitam avaliar, idealizar e fantasiar, tal como a construção solicita (VALLADARES e NOVATO, 2006).

Para a idade adulta como faixa etária específica do desenvolvimento, que possui características particulares que reverberam no processo arteterapêutico, ressalta-se que pouca atenção é destinada pelas publicações em Arteterapia. O que se nota são textos que discorrem sobre a Arteterapia diante de determinadas situações ou patologias, como a drogadição (ORGILLÉS, 2011; VALLADARES, 2011), os transtornos mentais (BASSO, 2011; COQUEIRO, VIEIRA e FREITAS, 2010), o câncer (DITTRICH e ESPÍNDOLA, 2015). Há um vasto número de produções bibliográficas que relatam experiências ou reflexões sobre a Arteterapia com mulheres, sobre esta intervenção como uma ferramenta para trabalhar o feminino, por exemplo.

Opta-se, então, por fazer apontamentos advindos sobre Arteterapia com adultos em geral mais da experiência prática do que da consulta a fontes bibliográficas. Este público usualmente se mostra resistente quanto ao uso dos materiais, indicando a pouca familiaridade com estes. No atendimento a famílias, quando diferentes gerações encontram-se na mesma sessão, percebe-se que as crianças rapidamente mergulham na

atividade expressiva, experimentando os recursos disponíveis e fazendo da arte uma linguagem para a comunicação. Diferentemente, os adultos detêm-se mais na linguagem verbal como meio para expressão (SEI, 2009). Acredita-se que uma técnica interessante para os adultos é, então, a colagem, dado que esta traz imagens previamente delineadas sem a necessidade de se desenhar ou pintar algo. Trabalha-se a capacidade de escolha e síntese (PHILIPPINI, 2009), que favorecem uma gradual entrada no processo arteterapêutico, minimizando resistências e contribuindo para uma retomada da capacidade criativa do indivíduo.

Já a terceira idade configura-se como um momento de vida no qual o indivíduo passa a ser ver diante de perdas variadas, diferentes daquelas experimentadas pelos adolescentes. Há o envelhecimento do corpo, diminuição da acuidade visual, da força física, do papel social desempenhado anteriormente a partir da inserção no mercado de trabalho, perdas de amigos e familiares cuja vida se encerra. Tal situação desperta sentimentos e favorece um processo de revisão das escolhas feitas ao longo da vida, lembrando que "a depressão consiste em enfermidade mental frequente no idoso, associada a elevado grau de sofrimento psíquico" (STELLA e cols., 2002, p. 92).

Tendo em vista este cenário, compreende-se que intervenções terapêuticas mostram-se como algo pertinente para esta faixa etária, contribuindo para uma avaliação da vida, conhecimento dos limites e possibilidades e o despertar de potenciais ainda latentes. Além disso, alguns autores apontam para a relação existente entre habilidades sociais, apoio social e qualidade de vida na terceira idade. Defendem a importância de propostas no campo do desenvolvimento de habilidades sociais, haja vista que "as deficiências em habilidades sociais parecem constituir um fator de vulnerabilidade para a baixa qualidade de vida e para a depressão em indivíduos da terceira idade" (CARNEIRO e cols., 2007, p. 236).

Acredita-se que a Arteterapia revela-se como uma intervenção terapêutica profícua para o público idoso, cuja materialidade das produções feitas durante as sessões aponta para a capacidade produtiva ainda presente nestes indivíduos. Contudo, o processo arteterapêutico deve ser adaptado levando em consideração as características desta população. De acordo com Liebmann (2000), os idosos necessitam de maior estrutura, ou seja, tanto o espaço físico quanto as atividades elencadas para a sessão devem ter uma estrutura maior.

Deve-se ponderar que os idosos se cansam com facilidade e, com isso, é interessante que o tempo destinado para os encontros seja inferior àquele proposto para pessoas de outras faixas etárias. O arteterapeuta precisa se atentar para as incapacidades (LIEBMANN, 2000), de tal modo que se pensa não serem indicadas propostas que demandem força física, como, por exemplo, o corte de pisos com torquês para o mosaico, ou que necessitem de boa acuidade visual e coordenação motora, como ponto-cruz e outros tipos de bordados. Deve-se promover o aprimoramento das habilidades que tais participantes tenham na atualidade. A Arteterapia pode cumprir, ademais, a função de favorecer o aumento da interação social, especialmente quando se opta pela modalidade grupal, contribuindo para que o indivíduo recorde de sua vida, discorrendo sobre aspectos positivos e negativos desta (LIEBMANN, 2000).

Coutinho (2008) argumenta que nem todos os profissionais mostram um apreço por trabalhar com idosos, haja vista o fato de se ver face ao próprio processo de envelhecimento, situação que desperta sentimentos frequentemente desconfortáveis. De acordo com esta autora, resistências podem estar presentes não apenas nos arteterapeutas, como também nos idosos, por meio de "um olhar pessimista direcionado ao mundo, ao futuro e a si" (p. 78). Sugere-se, portanto, o uso de técnicas mais lúdicas e

com um fator "surpresa" associado, sem a necessidade de uma manipulação precisa dos recursos artístico-expressivos ofertados (COUTINHO, 2008).

Considerações finais

Compreende-se que o arteterapeuta se configura, então, como um profissional que deve conhecer as especificidades de cada etapa do desenvolvimento humano, de maneira a melhor adaptar as técnicas e materiais empregados no contexto das sessões. Cada idade demanda um posicionamento diferente do arteterapeuta, sendo relevante uma compreensão acerca das particularidades da Arteterapia empreendida em diferentes etapas do ciclo vital. De tal maneira, objetivou-se, com esta apresentação, trazer para a cena esta temática explorada de maneira separada em publicações dedicadas ao entendimento de um público ou outro, sintetizando os apontamentos realizados por arteterapeutas e pesquisadores da área e instrumentalizando profissionais que se proponham a trabalhar com estes diferentes públicos.

Data de recebimento: 31 de janeiro de 2015.

Data de aceite: 10 de fevereiro de 2015.

Referências

- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Arteterapia para crianças. **Pediatria Moderna**, v. 35, n. 8, p. 654-660, 1999.
- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; SILVA, L. S.; GRANATO, T. M. M. e FELICE, E. M. Tricotando para o bebê que se espera: arte terapia para gestantes na clínica winnicottiana. **Mudanças**, v. 9, n. 15, p. 37-56, 2001.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas**. São Paulo: Vetor, 2000.
- BASSO, F. S. A arteterapia gestáltica como instrumento na clínica individual com clientes que estão esquizofrênicos **IGT na Rede**, v. 8, n. 15, 2011.



- CANE, F. **The artist in each of us**. Edição revisada. Washington: Art Therapy Publications, 1983.
- CARNEIRO, R. S. e cols. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2007.
- CARVALHO, R. L. G. O polimorfismo da arte de sonhar ser. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 3, n. 3, p. 05-17, 2006.
- CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro**: o encontro com o criativo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 6, p. 859-62, 2010.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com crianças**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2005.
- COUTINHO, V. **Arteterapia com idosos**: ensaios e relatos. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2008.
- DITTRICH, M. G. e ESPÍNDOLA, K. S. S. Tecnologia em arteterapia para à saúde de pessoas com câncer de mama. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 5, n. 3, p. 10-19, 2015.
- FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- GIANECHINI, S. S. e SEI, M. B. Arteterapia e Terapia Ocupacional no Brasil: uma discussão sobre semelhanças e diferenças. **Revista de Arteterapia da AATESP**, v. 3, n. 1, p. 3-18, 2012.
- GREIG, P. **A criança e seu desenho**: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos**: um manual de temas, jogos e exercícios. São Paulo: Summus, 2000.
- LOWENFELD, V. e BRITTAIN, W. L. **O desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- LUQUET, G. H. **O desenho infantil**. Porto: Livraria Civilização – Editora, 1969.
- MOREIRA, A. A. A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NAUMBURG, M. Arteterapia: seu escopo e sua função. In: HAMMER, E. F. (org.) **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991. p. 388-392.
- ORGILLÉS, P. Arteterapia en las drogodependencias. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, v. 6, p. 135-149, 2011.



PHILIPPINI, A. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia: uso, indicações e propriedades.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

SEI, M. B. **Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar.** Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2009.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

STELLA, F. e cols. Depressão no idoso: diagnóstico, tratamento e benefícios da atividade física. **Motriz**, v. 8, n. 3, p. 91-98, 2002.

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas.** Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

VALLADARES, A. C. A. **A Arteterapia humanizando os espaços de saúde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

VALLADARES, A. C. A. Arteterapia no cuidar e na reabilitação de drogadictos (álcool e outras drogas): símbolos recorrentes. **Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida**, v. 13, p. 23-37, 2011.

VALLADARES, A. C. A.; NOVATO, A. C. R. S. Aspectos transformadores da construção em arteterapia com adolescentes. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 3, n. 1, 2006.

VALLADARES, A. C. A.; OLIVEIRA, C. A.; MUNARI, D. B.; CARVALHO, A. M. P. Arteterapia com adolescentes. **Revista do Departamento de Arte terapia do Instituto Sedes Sapientiae**, v.5, n.5, p.19-25, 2002.

VASCONCELLOS, E. A. e GIGLIO, J. S. **Arte na psicoterapia: imagens simbólicas em psico-oncologia.** São Paulo: Vetor, 2006.

VIÇOSA, G. R. Grupos com gestantes. In: ZIMERMAN, D. E. e OSORIO, L. C. (orgs) **Como trabalhamos com grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 305-309.

WINNICOTT, D. W. (1956) A preocupação materna primária. Em: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

WINNICOTT, D. W. (1963) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 79-87.



Ensaio

O ENCONTRO COM A POESIA EM CENÁRIOS SOCIAIS: UM ENSAIO

THE ENCOUNTER WITH POETRY IN SOCIAL SCENES: AN ESSAY

Helton Marculino de Souza⁴

Resumo

O presente ensaio almeja refletir sobre o encontro com a poesia em cenários sociais, discorrendo sobre intervenções desenvolvidas nesta área e discutindo sobre o papel social destas atividades. Foram elencadas duas experiências com a escrita poética, uma representada pelo projeto "Parada Poética", idealizado por Renan Inquérito, e outro denominado como "Guardanapos Poéticos", desenvolvido por Daniel Viana. Entende-se que este tipo de ensaio justifica-se por trazer à cena propostas pouco divulgadas na literatura científica, ampliando o papel social destas propostas.

Palavras-chave: Poesia, Escrita criativa, Criatividade.

Abstract

This paper aims to reflect on the encounter with poetry in social scenes, discoursing about interventions developed in this area and discussing the social role of these activities. There were listed two experiences with poetic writing, one represented by the "Poetic Parade" project, designed by Renan Inquérito, and the other labeled as "Poetic Napkins", developed by Daniel Viana. It is understood that this type of essay is justified to bring

⁴ Psicólogo, Graduado em Psicologia pela FHO (2014), pós-graduando em Saúde Mental pela UEL. Foi Colaborador do Projeto de Extensão - UEL "Atendimento psicológico a famílias por meio de recursos artístico-expressivos com base no referencial winnicottiano". E-mail: helton.marculino@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4129784741764538>. Instituto Pirola Londrina, Rua Raposo Tavares, 598, Londrina-PR, CEP 86010-580. Tel. (43) 98009870.

proposals to the scene little published in the scientific literature, expanding the social role of these proposals.

Key words: Poetry, Creative Writing, Creativity.

Introdução

O presente ensaio visa versar sobre o encontro com a poesia em cenários sociais a partir da experiência de saraus realizados na atualidade. Busca-se, então, apresentar experiências que retratam tal tipo de intervenção, tecendo apontamentos para o papel social assumido por estas ações. Acredita-se que este tipo de trabalho justifica-se por trazer à cena movimentos sociais relevantes, mas ainda pouco presentes na literatura científica.

Neste sentido, inicia-se esta apresentação por meio do projeto "Parada Poética". Este se configura como um projeto independente, idealizado em Nova Odessa no início de 2013 pelo rapper Renan Inquérito e o fotógrafo Marcio Salata e que tomou dimensão expandindo-se para várias cidades do Brasil e com uma edição no Uruguai. A proposta de realização do sarau é que o mesmo ocorra sempre na segunda-feira com a justificativa de ser o dia de folga dos cabeleireiros e garçons, possibilitando levar poesia e literatura a esse público em especial, mesmo sendo aberto ao público em geral. Este projeto circulou, ademais, na Fundação Casa e em Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).

Este tipo de intervenção insere-se no movimento literário denominado como "literatura marginal". Com isso, apresenta-se como uma atividade de promoção de cultura e cidadania à população em geral, sem um foco nos indivíduos aos em situação de vulnerabilidade, a despeito da denominação de "literatura marginal" assumida pelo movimento.

Paralelo ao projeto "Parada Poética", Renan como agente interventivo divulga a cultura Hip Hop, por meio de músicas e livros situados no contexto da "literatura marginal", bem como o grafite do grafiteiro "Mundano", entendendo-os como veículos de intervenção social dignos de articulação com a literatura científica. Busca-se deter a atenção nestes recursos com o objetivo de alterar o olhar dado a tais intervenções como sendo exclusivos de ONG's ou instituições destinadas a tal fim, concebendo-os como parte integrante da cultura.

As atrações oferecidas pelo projeto "Parada Poética" reúnem poetas amadores, que no sentido atribuído por Renan se configuram como "amadores, amadores da arte do ofício da palavra", tanto pelo amor quanto pela prática amadora (não profissional) da escrita, que proporciona um encontro no sentido reflexivo entre indivíduo e a palavra, sendo esse um exercício do processo criativo. É algo singular de cada indivíduo, um processo arteterapêutico, processo de realização para além de exercícios ou estudos técnicos no contato com a arte, apresentando-se como promotor de saúde. No contexto do encontro e promoção da escrita não há discriminação entre saber ou "não saber escrever", entre certo ou errado, há sim o que é possível ao autor, que passa a entrar em um processo de construção e novas descobertas, possibilitando dar voz aos que por muitas vezes não são ouvidos.

Neste viés, segundo (HIGOUNET, 2003), a escrita apresenta-se para além de um instrumento, por guardar a palavra mesmo que a emudecendo do som da expressão, por possibilitar o pensamento por traços, desde os encontrados na pedra ou no papel. Passa a ressuscitar o pensamento humano, sendo a escrita uma nova linguagem, por disciplinar o pensamento e organizá-lo.

Entende-se que a escrita é uma ferramenta que pode ser utilizada para muitos objetivos. Normalmente é conhecida por sua questão técnica, sendo essa a gramática e

suas formas de apresentação, por exemplo, estrofes, versos, prosas, contos, etc. Neste contexto, entretanto, pouco se discorre sobre sua multiplicidade e potência. Com olhares atentos, educadores podem despertar as múltiplas possibilidades, bem como auxiliar em dificuldades por meio da escrita, construindo possíveis novos encontros e saberes.

Na dissertação “Essa Marca Que Eu Tenho Na Língua - O Papel Da Escrita Criativa Na Reinserção Social: um estudo de caso”, Fonseca (2010) observou que usuários de um centro educativo para “menores internados” possuíam uma relação com a gíria. Contudo, se por um lado, a mesma era reprimida por normas da instituição, por outro, era utilizada em livre expressão entre os usuários e posteriormente nas aulas de poesia. Nesse sentido, nota-se que ao trabalhar com escrita de forma criativa é essencial a escuta poética do educador para que a mesma possa ser despertada no “aprendiz” sob outros objetos e expressa. Com isso, compreende-se que determinado texto pode ser produzido diante de um esforço para aquele momento e questões. A cada encontro com a escrita, o escritor pode não só comunicar algo, mas encontrar-se com outras questões.

Segundo Brito (1997, p. 112):

Mais do que um ato mecânico de decodificação, a leitura é um ato intelectual relativa à linguagem que se caracteriza pela inteligência de um discurso específico que se organiza segundo regras próprias, diferentes das da linguagem oral. Sabe-se bem que esse discurso apresenta uma estratégia argumentativa muito particular, com sintaxe, universo lexical e referencialidade específicos, constituindo o que se tem chamado de “o mundo da escrita”.

Ao se imaginar a escrita enquanto um reencontro com a palavra, nota-se um processo de resignificação. Observa-se a constituição do pensamento como algo formado por imagens, imagens essas que ao verbalizarmos atribuímos palavras, as quais dão ferramentas para a imaginação. As palavras são líquidas, ou seja, tomam sentido conforme o contexto. Segundo Hillman (1978, s/n),

A visão imagística das palavras livra-as de terem de se submeter à razão lógica e à definição operacional. Nenhuma palavra estaria restrita a um sentido único de acordo com seu uso operacional. Ao invés disso, a expressão total de qualquer palavra, todos seus significados e todas possibilidades gramaticais poderiam ser trazidas para dentro de qualquer contexto onde a palavra aparece.

Diante disso, as palavras do poeta Manuel de Barros (1997, p.71) apontam para o encontro poético da escrita, “Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para poder ser séria”. Já nas palavras do manifesto do projeto Parada Poética, concebe-se este encontro como “Um lugar para maltratar a gramática e jogar a culpa na licença poética”.

Amor (2003) compreende que o ato da escrita organiza-se sempre como uma reescrita, seja de textos do próprio autor, seja a partir da produção de outros. Ou seja, escrever é sempre um reencontro com algum momento ou fato de importância para o autor, uma reflexão sobre uma leitura ou experiência, algo que necessita sair do campo “imaginal” das palavras para a marca física. Considerando a subjetividade do homem, podemos pensar que cada produção literária tem sua diferença, logo se faz novo. É com a potência desse novo que os saraus independentes potencializam uma sociedade carente de literatura e de contato com a palavra, sendo essa fonte do exercício da cidadania.

Diante deste cenário, indica-se outra intervenção urbana empreendida por Daniel Viana, a qual produz poemas em “Guardanapos Poéticos”, favorecendo uma ampliação do acesso da população à palavra poética. Seu processo é permeado pela escuta das pessoas que circulam na rua que relatam seus “causos reais”. Daniel os escreve em guardanapos de papel em formato de poesia, por meio de uma máquina de escrever. O

Projeto “Guardanapos Poéticos - Baseado em casos reais” foi executado com recursos do Programa VAI⁵ e ProAC Criação Literária 2014⁶.

Por meio deste projeto, Viana passou por 24 cidades em 18 meses e ao final da experiência, publicou um livro com uma seleção de 100 casos que viraram poemas, em entrevista fornecida transmitida pela “Tvplan” (<https://www.youtube.com/watch?v=yu2v4LaVieE>). Relata que entrou em contato histórias engraçadas, histórias pessoais, segredos, confissões, que as pessoas aproveitavam o momento para relatar coisas muito íntimas. Em uma reportagem à TV Brasil, junto ao programa Paratodos (<https://www.youtube.com/watch?v=f4eaisci2il>), foi indicada a satisfação das pessoas ao receberem um guardanapo com algumas palavras que dizem respeito à sua história, para além do acolhimento da escuta do escritor. Esta escrita apresenta-se como presente ao relator. É esse encontro com a palavra, no gesto de refletir para escrever, que o indivíduo passa a se encontrar sob outra perspectiva tornando-se autor da própria história.

É através desses encontros que se destaca aqui o poder transformador da arte em paralelo com ações sociais sob outra perspectiva, a qual busca aguçar um novo olhar as publicações científicas para intervenções sociais para além de instituições destinadas e normatizadas para tal fim, porém com poder de afetação e intervenção não menor que tais.

Data de recebimento: 02 de fevereiro de 2015.

Data de aceite: 10 de fevereiro de 2015.

⁵ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13540 e regulamentado pelo decreto 43823/2003.

⁶ Programa de Ação Cultural - Concurso da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo para a seleção de projetos de incentivo à criação literária.



Referências

AMOR, E. **Didática do Português: Fundamentos e Metodologia**. Lisboa: Texto Editora, 2003.

BARROS, M. **Livro sobre Nada**. São Paulo: Record, 1997.

BRITTO, L. P. L A criança não é tola. In: PAULINO, G. (org.). **O jogo do livro infantil: textos selecionados para formação de professores**. Belo Horizonte, Dimensão, 1997. p. 111-115.

FONSECA, T. **"Essa Marca Que Eu Tenho Na Língua." O Papel Da Escrita Criativa Na Reinserção Social: Um Estudo De Caso**. Coimbra: Editora do autor, 2010.

HILLMAN, J. Further notes on Imagens. **Spring Journal**. Dallas: 1978. Disponível em: <http://www.springjournalandbooks.com> acesso em: 23 de Agosto de 2014.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Resenha

ESCOLA DE POETAS: EM BUSCA DO CIDADÃO CRIATIVO

Ricardo da Silva Franco ⁷

Publicação: BRAGOTTO, Denise. **Escola de poetas: em busca do cidadão criativo.**
São Paulo: Komedi, 2003.

Fruto de sua pesquisa de mestrado pela PUC-Campinas, a pesquisadora, professora e poetisa Dra. Denise Bragotto percorreu um árduo caminho para escrever “Escola de poetas: em busca do cidadão criativo”, cuja proposta foi de estabelecer diálogos entre educação, poesia e saúde mental por meio do referencial teórico da criatividade. Os seus trabalhos de mestrado e doutorado foram orientados e supervisionados pela professora e pesquisadora renomada internacionalmente Dra. Solange Muglia Wechsler da PUC-Campinas, especialista na área de criatividade. Atualmente, Denise compõe o corpo docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

O livro objetiva discorrer sobre como os educadores podem resgatar o cidadão criativo no contexto escolar através da arte, mais especificamente da poesia, ou seja, busca expor instrumentos capazes de estimular o processo criativo nas escolas visando a construção de educandos mais críticos, expressivos e motivados ao aprendizado de maneira geral. Para tal, a obra divide-se em nove capítulos teóricos e uma última parte voltada às propostas práticas para o desenvolvimento e aprimoramento do pensamento

⁷ Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2014), Colaborador do Projeto de Extensão - UEL "A criatividade no processo de ensino e aprendizagem - a formação de educadores das séries iniciais de escolas da rede pública da cidade de Londrina". Email: rs_franco@hotmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6609073661598626>.

criativo. Todavia, o grande diferencial deste livro repousa nas páginas repletas de poesias, em que a autora consegue fazer ciência e arte comunicarem-se de forma harmônica. Cita trechos de poetas consagrados, como, por exemplo, Fernando Pessoa, e versos de sua própria autoria vindos de seus livros de poesia: “Trajetória” (1987), “Decolagem” (1995) e “Plenitude” (1998).

Pretende-se, assim, de modo breve, apresentar o tema central de cada capítulo da referida obra. Sendo o primeiro, “O que é criatividade?”, um capítulo introdutório à temática criatividade. Uma área do conhecimento científico muito fragmentada. A autora explana a concepção de alguns estudiosos do tema na tentativa de encontrar uma definição, mas logo nota-se ser uma complicada tarefa. Bragotto, diante das várias facetas da criatividade, busca um conceito particular, argumentando ser o ato criativo a integração do fazer e ser; da harmonização entre intuição e lógica; conseguindo, ainda, colocar sua marca pessoal. Esta definição acaba desconstruindo a visão do senso comum em relação a este fenômeno, em que somente artistas, por exemplo, seriam criativos. Utilizando-se de exemplos do cotidiano, defende que todos podem e são criativos, já que uma pessoa pode ser considerada criativa por ter simplesmente arrumado sua casa de um jeito incomum.

Ainda no primeiro capítulo, ela relata a importância da imaginação nos muitos aspectos do desenvolvimento da criança, pautando-se em autores como Alencar (1991): aspecto intelectual que se refere à exploração de ideias não padronizadas; aspecto emocional em que a criança pode vivenciar seus desejos, temores, esperanças e fantasias; o aspecto social que grande parte das brincadeiras entre crianças se desenrolam em cenários imaginativos; entre outros aspectos. A imaginação contribui para a melhora da capacidade de olhar para uma mesma situação de vários ângulos diferentes. E, termina o capítulo descrevendo sobre pensamento convergente e

divergente. No princípio do processo criativo deve-se dar asas à imaginação, deixando o pensamento divergente. Ulterior, o pensamento convergente tem de entrar em ação no intuito de analisar criticamente as ideias sugeridas na etapa anterior.

O segundo capítulo, de título “O ambiente criativo”, Bragotto escreve da necessidade de um ambiente propício para a criatividade florescer, isto é, estimular o indivíduo a querer criar e ser original, ousar. Chama-se a atenção para a educação, onde o ambiente escolar tem sido extremamente desestimulante. Os professores sob as regras de um sistema nada flexível acabam por terminar de matar o cidadão criativo dentro de cada sujeito. A escola, na verdade, deveria fazer o contrário, encorajar o espírito criativo. Sobre o papel do educador, a autora aborda de maneira mais detalhada no capítulo seguinte chamado: “O grande mestre”.

Segundo Bragotto, o verdadeiro mestre trata a educação como arte, transformando a sala de aula num espaço artesanal. Cada aluno seria encorajado, desse modo, a encontrar suas próprias habilidades e sua arte. O papel exercido pelo mestre ou educador é o de um líder. São, então, discutidas as formas de liderança existentes, sendo elas: (1) Liderança opressiva, utiliza-se do poder opressivo e da punição, a fim de estimular a submissão e a obediência; (2) Liderança controladora, apoia-se na ideia de que as pessoas são incompetentes e pouco interessadas pelo trabalho, logo precisam ser controladas, além da rigidez da crença de haver apenas um meio de se fazer a coisa certa; (3) Liderança orientadora, usa-se de um controle mais sutil por meio de acompanhamentos periódicos e orientações sobre procedimentos e resultados esperados; e (3) Liderança criativa, acredita que todo sujeito, independente da sua posição social, é capaz de contribuir para alcançar os objetivos, desde que as condições necessárias estejam disponíveis, ou seja, este tipo de liderança respeita a pessoa, integrando-a no grupo e estimulando-a a encontrar sua autenticidade.

“Arte e cidadania”, título referente ao quarto capítulo do livro. Críticas são tecidas à sociedade. Denise demonstra sua indignação diante de tantos acontecimentos fúteis e cruéis ao longo da história da humanidade. Aponta a desigualdade social e desmascara a falta de liberdade e justiça. Embora o ser humano tenha criado leis e regras para uma convivência social pacífica, ao que parece não foi suficiente. Assim, ela introduz a questão da cidadania, sobre os direitos e deveres de cada indivíduo, bem como os do governo. Atribui a culpa não somente ao Estado, mas também às pessoas. Dados de pesquisas são usados para debater o tema, como, por exemplo, a pesquisa “Lei, Justiça e Cidadania”, de 1999, realizada com moradores da cidade do Rio de Janeiro, com maiores de 16 anos, em que se detectou o desconhecimento da população referente aos seus direitos como os seus deveres. Sem dúvidas uma constatação preocupante. Dessa maneira, a autora volta-se para o contexto escolar, argumentando ser o berço dos futuros cidadãos. Deve-se trabalhar com as crianças tais temas, visando à construção de sujeitos com atitude crítica diante da vida.

Outro exemplo trazido para ilustrar e orientar novas ideias de como descobrir o cidadão criativo, Bragotto conta de um dos seus projetos desenvolvidos com alunos de uma determinada escola que a partir da expressão poética foram capazes de entender o que é cidadania e colocá-la em prática. A poesia tornou-os mais sensíveis ao mundo a sua volta, bem como mais críticos. Questionando regras rígidas da escola, os alunos buscaram conversar com a diretoria e juntos puderam traçar alternativas diferentes que, conseqüentemente, melhoraram as relações interpessoais entre todos.

O próximo capítulo recebeu o nome de: “As fases da criação”. Embora o senso comum pense que a criatividade esteja ligada a relances mágicos de inspiração divina ou algo semelhante, a autora, baseada em inúmeros autores, argumenta sobre o pensamento criativo também passar por fases ou estágios e estaria presente em todo

indivíduo. A diferença entre uma pessoa e outra no que diz respeito a este fenômeno seria de que algumas apresentam em maior e outras em menor grau de acordo com a sua história de vida; levando em consideração todos os aspectos teóricos e práticos expostos até aqui. Denise apresenta seis fases pelas quais o processo criativo passa e acontece. Deve-se ressaltar que alguns autores podem expor mais ou menos fases do que as citadas, entretanto, a autora preferiu trabalhar com as seguintes: (1) Questionamento; (2) Preparação; (3) Incubação; (4) Iluminação; (5) Verificação; e (6) Comunicação ou publicação. No final do capítulo, ainda, ela nos explica a criatividade pautada no referencial das ciências biológicas, referente aos hemisférios cerebrais e os estilos de pensar.

Sexto capítulo, “Barreiras à criatividade”, fala das dificuldades que podem barrar ou parar o processo criativo. Divide-se em 12 tópicos, sendo cada tópico relacionado a uma das barreiras contra a criatividade: (1) A busca da resposta certa; (2) Seguir as normas; (3) O medo de parecer bobo ou ridículo; (4) Busca da lógica; (5) Busca da praticidade; (6) É proibido errar; (7) Brincar é falta de seriedade; (8) Falta de tempo livre; (9) Burocracia; (10) Falta de comunicação; (11) Importar soluções; e (12) Síndrome da economia.

Bom, se o capítulo anterior destinava-se às barreiras, o seguinte preocupou-se em contar sobre “A pessoa criativa”. Para descrever a personalidade criativa, recorre-se a um conceito da física: o *fóton*, a fim de fazer uma analogia. O fóton é uma entidade em constante movimento, o mais conhecido é o fóton de luz. A pessoa criativa seguiria os mesmos passos, definindo-se por um “vir-a-ser” sem fim.

Dentre os autores citados, Bragotto destaca a pesquisadora e sua mentora Wechsler (1993) para trazer alguns traços predominantes da personalidade criativa, como, por exemplo: flexibilidade; pensamento original e inovador; alta sensibilidade externa e interna; fantasia e imaginação; inconformismo; espontaneidade e impulsividade;

independência de pensamento; abertura a novas experiências; preferência por situações de risco; alta motivação e curiosidade; entre outras. Durante todo o capítulo tais traços são discutidos e analisados em concordância ou não com os demais autores da literatura.

O penúltimo capítulo recebeu o título de “A comunicação criativa”. Bragotto argumenta a importância de uma boa comunicação, isto é, uma comunicação em que o emissor consiga se expressar de maneira clara e objetiva. Faz uma breve explicação do processo de comunicação: emissor; mensagem; meio de comunicação; e receptor. Defende que uma boa comunicação, como a escrita, a poesia, requer trabalho duro para que seja aperfeiçoada; todas as pessoas são capazes desde que se esforcem para tal.

Por fim, o nono e último capítulo, “Poesia e saúde mental”, aborda a poesia como ferramenta estimuladora para o florescer da criatividade e provedora de saúde mental. A escrita criativa é um instrumento alternativo do qual o aluno pode se usufruir, encontrando formas de se expressar, de ser autêntico. Torna-se interessante dizer que a poesia se trata de uma possibilidade, não é a única e nem a melhor. Conforme Bragotto cita Barbosa (1989), a produção da escrita poética pode realizar um trabalho invisível de humanização, ajudando o sujeito a educar os sentidos, as emoções, a imaginação e a razão num constante “vir-a-ser” de descobertas, transformações e mudanças. Nesse sentido, a escrita poética pode ser terapêutica e, assim, promover saúde mental.

Já citado anteriormente, após os nove capítulos há uma última parte do livro dedicada a atividades de como praticar e aperfeiçoar o pensamento criativo. Há, também, considerações pessoais da autora sobre sua história e trajetórias.

Espera-se que este livro possa contribuir de forma geral, não somente para o contexto escolar, embora seja este, de certa forma o foco desta obra, na busca e o despertar do espírito criativo dentro de cada pessoa. Bragotto disponibiliza todo um



arcabouço teórico e prático para o viver criativo. Basta, agora, uma boa dose de dedicação e trabalho duro!

Data de recebimento: 22 de janeiro de 2015.

Data de aceite: 10 de fevereiro de 2015.



Resumo de Monografia

SÁ, Lilian de Almeida Pereira Bustamante⁸. **Arteterapia com Pré-Adolescentes: Em Busca da Semente Criativa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Arteterapia). Campinas: NAPE / Faculdade Vicentina, 2013. Orientadora: Prof. Dr. Celso Falaschi.

Resumo

O presente trabalho objetiva investigar as correlações da Arteterapia com um grupo de pré-adolescentes na Escola Sathya Sai Baba no interior paulista. Os referenciais utilizados foram os pressupostos teóricos de Jung, Sai Baba, Patricia Pinna Bernardo, Ângela Philipinni, dentre outros. Foi feito um recorte de cinco sessões arteterapêuticas, cuja atuação realizou-se semanalmente durante um período de dez meses. Conclui-se por meio desta pesquisa, o fortalecimento da autoestima, da confiança, da criatividade e o aprimoramento das potencialidades humanas do grupo.

Palavras-chave: Autoestima, Criatividade, Valores Humanos.

Data de recebimento: 11 de Fevereiro de 2015.

Data de aceite: 12 de Fevereiro de 2015.

⁸ Graduada em Serviço Social pela Universidade de Ribeirão Preto (1993), em Pedagogia pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2000), Especialista em Psicopedagogia Clínica pelo Centro Universitário Moura Lacerda (2004), em Psicopedagogia Institucional pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2012) e em Arteterapia pela Faculdade Vicentina - FAVI / Núcleo de Arte e Educação - NAPE (2013). E-mail: lilianbsa@yahoo.com.br. Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7090829475358766>.

Resumo de Monografia

SANTOS, Elisangela Machado⁹. **Desvelando o feminino através do mito das deusas gregas: um caminho pela arteterapia**. Monografia (Especialização em Arteterapia). São José dos Campos: NAPE / Faculdade Vicentina, 2014. Orientadora: Prof^a. Msc. Elisabete Cristina Carnio Beltrame.

Resumo

O objetivo da monografia é mostrar que através da arteterapia é possível fortalecer as potencialidades da mulher, através do autocuidado e do reconhecimento da feminilidade, que por vezes são desconsideradas, por vivenciarem situações onde necessitam dedicar-se aos filhos portadores de deficiência, abrindo mão de si mesmas. Este trabalho se justifica pela necessidade de se promover o autocuidado de mulheres, mães de crianças com deficiência que dedicam todo seu tempo em cuidar de sua prole. Através da revisão de literatura serão destacadas as características destas mulheres, seus sentimentos em relação ao filho com deficiência, com base na arteterapia como um instrumento de trabalho que visa ampliar o estado de consciência destas mulheres através da arte e o quanto as expressões criativas promovem um diálogo interior, resultando no autoconhecimento. A utilização dos mitos das deusas gregas enquanto recursos servirão como vias de acesso a conteúdos inconscientes, capazes de enriquecer a consciência, permitindo o desvelamento da feminilidade. Fizeram parte do presente estudo “Desvelando o feminino através dos mitos das Deusas Gregas: Um caminho pela arteterapia” mulheres, mães de crianças e adolescentes portadores de deficiências atendidas em uma instituição de Pouso Alegre, Minas Gerais. Com a utilização de

⁹ Especialista em Arteterapia pela Faculdade Vicentina - FAVI / Núcleo de Arte e Educação - NAPE (2014). E-mail: lia78machado@yahoo.com.br.



técnicas da arteterapia foi possível constatar melhoras nas habilidades criativas para resolução de problemas cotidianos e, conseqüentemente, a melhora do autocuidado, autoestima e mais qualidade de vida.

Palavras-chave: Feminino, Arteterapia e Mitos.

Data de recebimento: 11 de Fevereiro de 2015.

Data de aceite: 12 de Fevereiro de 2015.

Resumo de Monografia

VIEIRA, Franklin Jones¹⁰. **A linguagem das imagens nas expressões criativas: o processo de amorização à criança vítima de violência**. Monografia (Graduação em Psicologia). Joinville: Faculdade Guilherme Guimbala - FGG / Associação Catarinense de Ensino - ACE, 2013. Orientadora: Prof^a. Vânia Wiese.

Resumo

É objetivo desta exposição, demonstrar como é possível uma criança vítima de abuso sexual, expressar e transformar as sensações da vivência traumática gerada pela violência. O método empregado se caracterizou como pesquisa-intervenção de ordem qualitativa com caráter descritivo-exploratório originários do processo psico/arteterapêutico, cujos instrumentos utilizados consistiram em técnicas expressivas da arteterapia tais como - jogo de areia (sandplay), argila, desenho, música, dança, colagem, dramatização com fantoches – e entrevista clínica norteada pelos pressupostos da psicologia analítica (junguiana) e da neurociência. Diante da violência, o processamento emocional e cognitivo da criança se contrai de tal maneira que ela não encontra meios de simbolizar ou de se fortalecer para o enfrentamento da situação traumática, gerando memórias associadas ao sentimento de solidão, vergonha, culpa e rejeição. As imagens simbólicas projetadas pela criança geraram uma sequência organizadora dando sentido e compreensão adequada à experiência vivida, desencadeando o processo de transmutação/amorização às sensações traumáticas.

¹⁰ Psicólogo, Arteterapeuta em formação pelo NAPE / FAVI. E-mail: psico.franklin@gmail.com. Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5134468118994474>.



Palavras-chave: Abuso Sexual, Amorização, Arteterapia, Psicoterapia infantil, Violência doméstica.

Data de recebimento: 12 de Fevereiro de 2015.
Data de aceite: 13 de Fevereiro de 2015.



Resumo de Monografia

VIEIRA, Auricélia Alves de Freitas¹¹. **A arteterapia com adolescentes no fortalecimento da relação familiar.** Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: Universidade Paulista, 2013. Orientadora: Prof^a. Patricia Pinna Bernardo.

Resumo

Devido às transformações pelas quais os adolescentes passam no decorrer da sua vida como a busca pela própria identidade, autoestima, família e pertencimento, surgem os conflitos. Este trabalho realizado a 6 mãos com Érica Cristina Vergilato e Lucy Maura Cardoso de Carvalho teve como objetivo ajudá-los, através das oficinas de Arteterapia, a trazer aspectos guardados em seu inconsciente, dentro do núcleo familiar e social, buscando compreender atitudes e pensamentos trazendo um melhor entendimento dos acontecimentos e mudanças inerentes à idade, fortalecendo os valores como: afeto, autoconfiança, segurança, educação e respeito. Com as oficinas aplicadas verificou-se que os adolescentes, independente das particularidades de cada um, apresentaram boa relação familiar, demonstrando-se conhecedores dos valores que permeiam em cada família, fortalecendo ainda mais seus vínculos afetivos.

Palavras-chave: Autoestima, Autoconhecimento, Vínculo familiar, Valores, Transformação.

Data de recebimento: 12 de Fevereiro de 2015.
Data de aceite: 13 de Fevereiro de 2015.

¹¹ Especialista em Arteterapia pela Universidade Paulista - UNIP. E-mail: auriceliarf@uol.com.br.

Resumo de Monografia

BORGER, Simone Nimtzovitch¹². **Revendo a jornada da heroína através da Arteterapia**. Monografia (Especialização em Arteterapia). São Paulo: Universidade Paulista, 2013. Orientadora: Prof^a. Patricia Pinna Bernardo.

Resumo

Este trabalho científico é um estudo empregando a Arteterapia com a finalidade de incitar a autodescoberta em mulheres acima de 35 anos. A partir da proposta da “Jornada do Herói” de Campbell (1999) e seus seguidores, este trabalho visa proporcionar uma investigação em duas atividades arteterapêuticas, voltadas para o despertar dessa busca. O objetivo principal foi estimular o autoconhecimento por meio da Arteterapia, e assim criar a oportunidade de obter informações significativas dessa jornada interior voltada ao público feminino. Ao conseguir pontuar desafios básicos como direção e objetivo, consegue-se rever e oferecer uma nova perspectiva de sucesso para o processo de autodesenvolvimento através de atividades criativas em concordância com a busca de plenitude feminina.

Palavras-chave: Arteterapia, Mulheres, Jornada do Herói.

Data de recebimento: 12 de Fevereiro de 2015.

Data de aceite: 04 de Março de 2015.

¹² Especialista em Arteterapia pela Universidade Paulista - UNIP. E-mail: simoneborger@gmail.com. Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6456486811293249>.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos encomendados ou remetidos espontaneamente pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigos originais que inclui artigos de pesquisa, artigos de revisão teórica e relatos de experiência; ensaios, de cunho ensaístico, opinativo, acerca de assuntos de discussão contemporânea ou que se almeje discutir; resenhas e resumos de monografias, dissertações e teses. Os textos encaminhados para a seção de artigos originais serão avaliados às cegas por membros do Conselho Consultivo, enquanto que os demais textos serão avaliados pelos membros do Conselho Editorial.
2. Os artigos e ensaios devem conter no máximo 20 páginas, incluindo as referências bibliográficas; as resenhas, 4 páginas; e os resumos de monografias, dissertações e teses, 1 página.
3. Os artigos situados dentro da categoria “Relato de Experiência” só poderão ser submetidos por profissionais arteterapeutas ou estudantes de Arteterapia credenciados às Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – www.ubaat.org.
4. O autor deve enviar o trabalho para o e-mail textos.aatesp@gmail.com, em extensão “.doc”, com fonte Arial, tamanho 12, formato A4, com margens de 2 cm e espaçamento duplo. As referências devem ser inseridas ao final do texto e as notas de rodapé devem se restringir àquelas efetivamente necessárias.
5. Os artigos devem ser acompanhados de resumos, com até 200 palavras, além de um mínimo de 3 Palavras-chave. O título, o resumo e as Palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês.
6. No envio do trabalho, o autor deve encaminhar arquivo com carta assinada em formato “.jpg” ou “.pdf”, explicitando a intenção de submeter o material para publicação na Revista Arteterapia da AATESP, com cessão dos direitos autorais à Revista.
7. O nome do autor ou quaisquer outros dados identificatórios devem aparecer apenas na página de rosto. O título deve ser repetido isoladamente na primeira página iniciando o texto, seguido do resumo e Palavras-chave, conforme instruções do item 6.
8. O autor deve anexar, na página de rosto, seus créditos acadêmicos e profissionais, além do endereço completo, telefone e e-mail para contato.
9. Não deve haver ao longo do texto ou no arquivo do artigo qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como papel timbrado, rodapé com o nome do autor, dados no menu “Propriedades” do Word.
10. O conteúdo do trabalho é de inteira responsabilidade do autor.

PROCEDIMENTOS DE TRAMITAÇÃO DOS MANUSCRITOS

A partir do recebimento do trabalho, é feita uma verificação inicial do mesmo pela Comissão Editorial, relativa ao cumprimento das Normas de Publicação estabelecidas pela Revista. O não cumprimento das mesmas implica na interrupção do processo de avaliação do manuscrito.

Após essa primeira etapa, o trabalho é enviado a dois pareceristas, sendo que neste processo de avaliação nem autor e nem os pareceristas são identificados. A Comissão Editorial fica responsável por todo o processo de comunicação com o autor e com os pareceristas. Em caso de impasse quanto aos pareceres recebidos, a Comissão Editorial se encarregará de chegar a uma decisão final.

Quanto ao parecer, o trabalho encaminhado pode ser:

- Aprovado;
- Aprovado com necessidade de reformulações;
- Reprovado.

Cabe ao autor decidir se aceitará ou não as orientações para reformulações do trabalho encaminhado, no caso das mesmas serem sugeridas, lembrando que a não reformulação implica no não aceite final para publicação na Revista.

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE PARECER

Será utilizado para o parecerista o seguinte roteiro de apreciação e avaliação dos trabalhos:

1. O trabalho encaminhado se enquadra na linha editorial da revista?
2. O trabalho corresponde a uma contribuição significativa para publicação na Revista, tendo em vista a linha editorial da mesma?
3. O trabalho encaminhado especifica claramente tema e objetivo?
4. No caso de artigo, o resumo e as Palavras-chave são objetivos e fidedignos à proposta apresentada?
5. O trabalho cita bibliografia significativa e atualizada para o desenvolvimento do tema?
6. O trabalho faz referências bibliográficas conforme normas da Revista?
7. O trabalho realiza coerentemente seu objetivo?
8. Há erros de compreensão dos autores citados?
9. Há erros nas citações utilizadas?
10. O objetivo declarado é atingido?
11. O material deve ser revisado em termos estilísticos, ortográficos e gramaticais?
12. O texto é aceitável para publicação? Em caso positivo, especificar se: em sua forma atual; com necessidade de reformulações;



REFERÊNCIAS e CITAÇÕES

Os trabalhos devem seguir orientações estabelecidas pela norma NBR-6023 da ABNT, quanto a:

a) Referências bibliográficas. Exemplos:

Livros

RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. São Paulo: Summus, 2000. 279p.

Capítulos de livros

NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. Em: CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p. 219-223.

Dissertações e teses

VALLADARES, A. C. A. **Arteterapia com crianças hospitalizadas**. Ribeirão Preto, 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Artigos de periódicos

BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.

Trabalho de congresso ou similar (publicado)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR Mini Conference, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.

b) Citações de autores no decorrer do texto (NBR 10520/2002)

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas.

A forma de citação adotada pela Revista será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte é feita: pelo sobrenome de cada autor ou nome de cada entidade responsável, seguido(s) da data de publicação do documento e da(s) página(s) da citação, no caso **de citação direta**, separados por vírgula e entre parênteses. Exemplos: “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

Ou,

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

Citações diretas com menos de três linhas devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Exemplo:

Allessandrini (1996) aponta que “a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser restritas ao mínimo necessário e não exceder 10 linhas. Quando utilizadas devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra 10 e sem aspas.

Exemplo: Goswami (2000) explica que:

nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

Citações indiretas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original do texto e geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceito do autor. São livres de aspas e não precisam de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

Ou,

Os processos primários acham-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

Não se indica a inserção de notas de rodapé, que devem se restringir ao mínimo necessário. São digitadas dentro das margens ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e por filete de 3 cm a partir da margem esquerda.